



Prática Educativa

CINEMA, MEMÓRIA E ESPAÇO: o audiovisual como prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos

Ana Beatriz de Lima¹
lima.anabe@gmail.com

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) demanda práticas pedagógicas eficazes que assegurem o direito à educação formal integrada e contextualizada. No ensino de Geografia, a arte se relaciona diretamente com a experiência do sujeito no mundo, e o uso da linguagem cinematográfica, especificamente, cresceu nos últimos anos, conforme observado por Oliveira Jr. e Girardi (2020). Nesse contexto, o presente relato de prática educativa descreve a atividade *Memórias*, desenvolvida no âmbito do Estágio Supervisionado I, a partir da proposta de utilização de imagens como recurso pedagógico para o ensino de Geografia. A proposta, inicialmente inspirada no dispositivo “História de objetos”, descrito na obra *Cadernos do Inventar* (Migliorin et. al., 2016), resultou na produção de um minidocumentário que dá voz às experiências escolares dos estudantes da EJA do ensino fundamental. Este trabalho tem como principal objetivo refletir sobre a articulação entre cinema, espaço e memória, compreendo a linguagem audiovisual não apenas como um recurso didático, mas como uma prática pedagógica capaz de promover a emancipação e resistência desses estudantes historicamente marginalizados. A atividade, articulando Geografia e História, possibilitou que os alunos relacionassem suas memórias ao espaço e ao tempo de suas trajetórias, tornando visíveis narrativas frequentemente proibidas (Arroyo, 2017). Os resultados evidenciam que o processo de rememoração contribuiu para o fortalecimento de identidade e do sentimento de pertencimento dos participantes, ao mesmo tempo em que garantiu o reconhecimento de um direito historicamente negado.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Linguagem audiovisual; Ensino de geografia.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda representa um grande desafio no Brasil, sobretudo pela ausência de políticas públicas eficazes que asseguram o direito à educação formal integrada e contextualizada para essa população. O currículo tradicional, muitas vezes deslocado da realidade dos estudantes trabalhadores, reproduz exclusões históricas e dificulta a permanência e engajamentos deles. Nesse contexto, o ensino de Geografia demanda práticas pedagógicas que valorizem a experiência dos sujeitos e suas relações com o espaço, assim, a linguagem audiovisual e, em especial, o cinema, surgem como possibilidades para despertar a memória espacial afetiva a partir da oralidade.

Este relato de prática educativa apresenta a atividade *Memórias*, desenvolvida no âmbito do Estágio Supervisionado I, a partir da proposta de utilização de imagens como

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



recurso pedagógico para o ensino de Geografia. A atividade resultou na produção de um minidocumentário com os estudantes da EJA ensino fundamental, na qual compartilharam suas histórias de vida e trajetórias escolares. O filme foi apresentado para toda a comunidade escolar, possibilitando um espaço de acolhimento e troca de experiências.

O presente trabalho busca refletir sobre as contribuições da arte, em especial do cinema, no ensino de Geografia e na formação de sujeitos críticos e conscientes de suas trajetórias e dos espaços que habitam. Além disso, busca evidenciar como a articulação entre linguagem audiovisual, memória e educação podem ressignificar o espaço escolar, especialmente para sujeitos cujos direitos historicamente são negados. Em outras palavras, trata-se de pensar o cinema não apenas como recurso didático, mas como um ato de resistência.

MEMÓRIAS: uma proposta audiovisual de resgate das trajetórias escolares na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A atividade *Memórias* foi idealizada durante as aulas da disciplina de Estágio Supervisionado I, orientada pelo prof. Dr. Wenceslau Machado de Oliveira Júnior, que nos propôs a sistematização de imagens como recurso pedagógico para o ensino de Geografia. A proposta logo assumiu um caráter interdisciplinar, integrando Geografia e História, uma vez que, os alunos já haviam iniciado, com o professor dessa disciplina, uma atividade que posteriormente se articulou de forma complementar à intervenção.

A proposta inicial consistia em solicitar aos alunos que levassem fotografias ou objetos que remetessem ao passado e à escola, com o intuito de auxiliá-los a desbloquear memórias durante a gravação de seus relatos. A atividade foi inspirada no dispositivo “*História de objetos*”, descrito na obra *Cadernos do Inventar* (Migliorin et. al., 2016), conforme apresentado pelo professor Wenceslao em aula. No entanto, a solicitação não foi bem aceita pelos alunos, que alegaram não possuir fotografias ou objetos pessoais relacionados ao tema. Diante da resistência e do tempo limitado para realização das gravações, optei pela adaptação do dispositivo e seguir com os depoimentos mesmo sem os objetos e/ou fotografias – proposta que foi bem recebida pelos estudantes, que aceitaram participar da atividade.



A prática consistiu, efetivamente, na gravação da conversa com os alunos do Ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com objetivo de resgatar suas experiências passadas com a escola e, consequentemente, suas origens. Utilizei algumas perguntas norteadoras como: “Como você se apresenta?”; “Quando você parou de estudar?”; “Qual o motivo que o fez voltar a estudar?”; “Qual o motivo que faz você vir todos os dias para a aula”, deixando espaço para desenvolverem livremente suas reflexões. Os recursos utilizados foram uma câmera filmadora e um tripé, gentilmente disponibilizados pelo professor da escola, além da sala de aula e cadeiras (Figura 1).

Figura 1 – Bastidores do minidocumentário *Memórias*



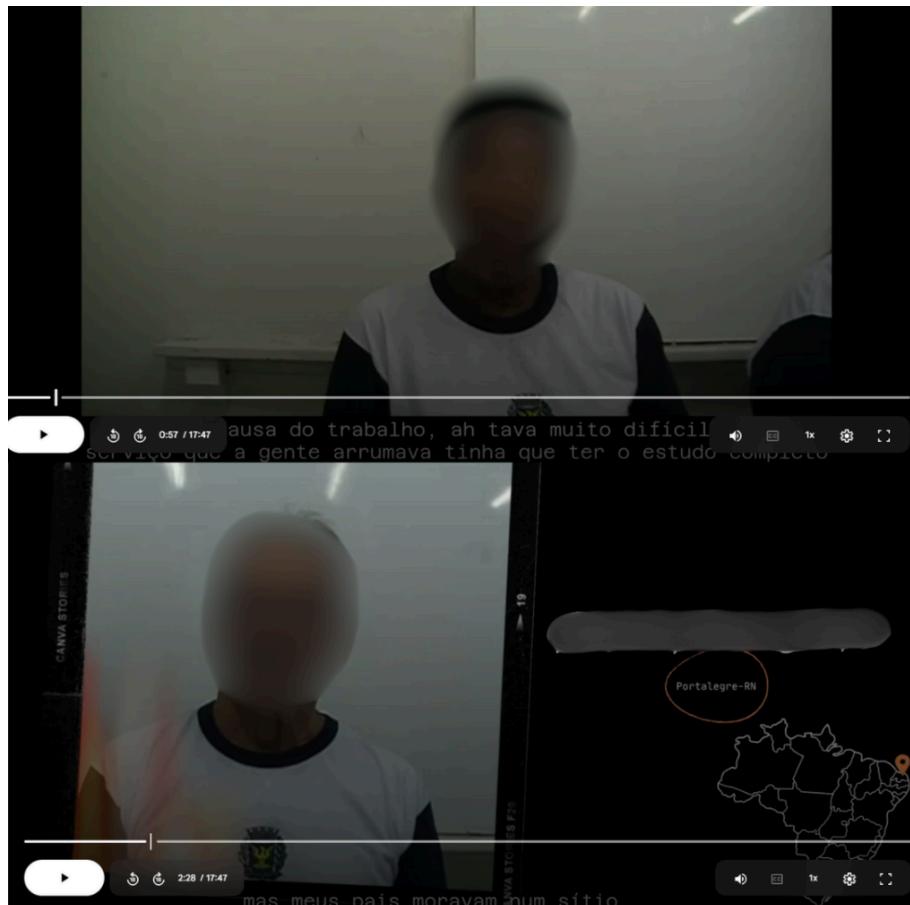
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Após as gravações, que se estenderam por cerca de três aulas, a pós-produção foi realizada utilizando editores de vídeo gratuitos, como os disponíveis no Windows e no Canva. As imagens captadas resultaram no minidocumentário intitulado *Memórias* (Figura 2), posteriormente exibido em uma sessão de cinema na escola, à qual todos os alunos e funcionários presentes foram convidados. Após a exibição, compartilhamos um lanche com



pipoca, refrigerante e café, promovendo um momento de convivência, troca e reconhecimento das histórias contadas e das não contadas.

Figura 2 – Capturas de tela do minidocumentário *Memórias*



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Um aspecto importante a ser destacado é que, inicialmente, a ideia era que os depoimentos fossem gravados individualmente, para que cada aluno se sentisse mais à vontade ao relembrar e desenvolver suas memórias a partir da conversa. Contudo, no início das gravações, os próprios alunos optaram por conversar em grupo, o que pode ter limitado a profundidade de alguns relatos.

Além disso, muitos alunos que, inicialmente, recusaram participar da atividade e aparecer frente às câmeras, demonstraram interesse em compartilhar suas experiências após a exibição do documentário, expressando o desejo de participar de futuras gravações. Entendo que esse movimento revelou um grande potencial pedagógico para a continuidade do projeto, especialmente no que se refere a superação de barreiras emocionais e que impedem os



estudantes de acessar e contar suas próprias histórias. Na EJA, assim como visto no filme, é comum que a trajetória dos estudantes seja marcada por experiência de exclusão e ou sofrimento, o que pode dificultar esse processo de rememoração.

Considero que uma fragilidade do processo foi o tempo reduzido de convivência com os estudantes antes do início das gravações. Embora muitos tenham se disponibilizado a participar, o cotidiano e as trocas proporcionadas pela vivência mais contínua são fundamentais para estabelecer vínculos de confiança. Acredito que, um tempo maior de aproximação com a turma, a atividade poderia ter alcançado ainda mais profundidade nos relatos

A proposta também buscou dialogar diretamente com a atividade conduzida pelo professor de História, que envolvia a escrita de narrativas escolares. O professor havia relatado que os alunos encontravam dificuldades em se aprofundar e se inspirar para a construção de seus textos. Diante disso, sugeri a criação do vídeo, com base nos relatos oralizados e em formato de conversa descontraída. A intenção era, além de registrar histórias de vida e trajetória escolar, estimular a memória afetiva de modo a contribuir para a produção escrita de suas narrativas. Consideramos a proposta um sucesso, já que após a atividade foi possível finalizar as narrativas, resultando no primeiro livro denominado “Narrativas na EJA e as práticas de conhecimentos” (Almeida et. al., 2023).

O ensino de Geografia e a arte cinematográfica

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece o cumprimento de competências específicas das Ciências Humanas para o Ensino Fundamental. Dentre elas destacamos a sétima, que propõe:

utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado à localização distânciaria, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (BNCC, p. 355, 2018)

Além das orientações presentes na política educacional brasileira, alguns autores já têm destacado a importância da dimensão estética para o ensino de geografia. Para Ramos (2019) a aproximação entre geografia e arte não pode ser ignorada, uma vez que, tem crescido o número de trabalhos científicos que investigam as geograficidades presentes na linguagem



artística. A arte, nesse contexto, não deve ser vista apenas como um recurso didático, mas como uma forma de experiência e expressão sensível da espacialidade (Ramos, 2019).

O uso das artes visuais no ensino pode estimular abordagens mais subjetivas sobre os temas geográficos (Arana e Kashiwagi, 2016), promovendo o desenvolvimento da sensibilidade crítica dos estudantes e permitir diferentes tipos de expressão que podem ir além da linguagem escrita e falada (Copatti, 2014). Nesse sentido, Marcuse (2007) apud Ramos (2019, p. 7). Afirma que a “arte dá vazão ao mundo estético, como uma expressão humana desinteressada, ela exprime o que se esconde, o que é profundo, o que é reprimido, e é fazendo parte do que existe que a arte pode falar contra essa realidade aparente” (Marcuse, 2007 apud Ramos, 2019, p. 7).

Embora a arte possa ser utilizada em diferentes disciplinas, é na geografia que essa linguagem se relaciona diretamente com a experiência do sujeito com o mundo. Tanto o artista, que desenvolveu a obra, quanto o estudante, ao analisá-la estabelecem uma relação com o espaço vivido (Lefebvre, 2006 [2000]). Como aponta Ramos (2019) “reconhecer uma geografia modelada numa obra é identificar uma relação mediada pelos sujeitos com o meio, com o mundo circundante, um tipo de prática que incorpora tanto uma leitura da realidade como a projeta, alterando a experiência geográfica” (Ramos, 2019, p. 10)

O uso da linguagem cinematográfica especificamente no ensino de geografia cresceu nos últimos anos. Como observado por Oliveira Jr. e Girardi (2020) há três movimentos que articulam o cinema a geografia escolar de maneiras diferentes, sendo as linhas molares, moleculares e de fuga (Oliveira Jr.; Girardi, 2020). A atividade *Memórias* desenvolvida com os alunos da EJA ensino fundamental se insere no movimento das linhas de fuga, por ter sido constituído como uma prática social em que os estudantes foram protagonistas de suas narrativas, ressignificando o espaço vivido.

A atividade interdisciplinar entre a Geografia e a História permitiu que os alunos articulassem suas memórias ao espaço e ao tempo que compõem suas histórias de vida. Tornar visíveis essas memórias proibidas (Arroyo, 2017), significa garantir um direito historicamente negado aos estudantes da EJA.

Considerações finais



A atividade realizada com os estudantes da EJA demonstrou ser uma forte ferramenta pedagógica e instrumento de emponderamento e transformação social, uma vez que, fortaleceu o protagonismo dos estudantes, promovendo o reconhecimento de suas trajetórias a partir do resgate de suas experiências escolares. Além da revisitação da memória afetiva, também pode-se fortalecer produção escrita, superando barreiras comuns entre sujeitos historicamente marcados pela exclusão social.

A geografia deve ser uma ciência comprometida com a realidade social e capaz de compreender o espaço como palco de desigualdades, mas também de possibilidade (Santos, 2004). Nesse sentido, o projeto não apenas documentou histórias, como também potencializou o entendimento crítico do espaço como construção social, marcada por memórias.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, E.; CALIPO, D.; DE LIMA DA SILVA, A.; MENDONÇA, D. (org.). **Narrativas na EJA e as Práticas de Conhecimentos**. 1. ed. Campinas: Guará Publicações, 2023. 57 p.
- ARANA, A.; KASHIWAGI, H. **O uso de arte no ensino de Geografia**: uma proposta de ensino inovador. Cadernos PDE, [s. l.], 2016.
- ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- COPATTI, C. Educação estética: sensibilidade e percepção do ser humano na natureza. In: EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA ESCOLA INDÍGENA KAIKANG: PROPOSTAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, 2015. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/780>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La Production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início – fev. 2006.
- OLIVEIRA JUNIOR, W.; GIRARDI, G. O CINEMA COMO DIFERENÇA NA LINGUAGEM DO ENSINO DE GEOGRAFIA: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 19, p. 45–66, 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/872>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- MARCUSE, H. **A dimensão estética**. Trad. Maria Elisabete Costa. Lisboa: Edições 70, 2007.



MIGLIORIN, C.; PIPANO, I.; GARCIA, L.; MARTINS, I.; GUERREIRO, A.; NANCHERY, C.; BENEVIDES, F. (Orgs.). **Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos.** Niterói: EDG, 2016.

RAMOS, É. **A dimensão estética no ensino de geografia:** uma contribuição à renovação da geografia escolar. Geografia Ensino & Pesquisa, p. 1-28, 2019.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo.** São Paulo: Hucitec, 2004.